XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação **(XVII ENANCIB)**

GT 6 – Informação, Educação e trabalho

RELAÇÕES DE GÊNERO E BIBLIOTECONOMIA: O QUE MOVE O SEXO MASCULINO A INGRESSAR EM UM CURSO MAJORITARIAMENTE FEMININO

GENDER RELATIONS AND LIBRARIANSHIP: WHAT DRIVES THE MALE JOINING A MOSTLY FEMALE COURSE

Hugo Avelar Cardoso Pires[1], Lígia Maria Moreira Dumont[2]

Modalidade da apresentação: Comunicação Oral

Resumo: As profissões ao longo do tempo foram se tornando mais femininas ou masculinas por características do trabalho e por tipo de atividade. A profissão bibliotecária se insere no contexto das profissões determinadas pela divisão sexual do trabalho, uma vez que se feminilizou, sobretudo, pelo aumento de sua tecnicidade, ligada à educação, à ordem, bons costumes, características tidas como femininas. Entretanto, observa-se nos últimos tempos no Brasil maior procura de homens pelos cursos de Biblioteconomia, sobretudo após os anos 1980. O objetivo da pesquisa foi investigar as razões que levam os homens a escolher o curso de Biblioteconomia, um espaço majoritariamente feminino. Foi realizada uma pesquisa social, de caráter histórico e descritivo, que consistiu em um levantamento tipo *survey*, com envio de questionário através da ferramenta Google Docs, para os Conselhos Regionais de Biblioteconomia das cinco regiões do país, que o repassaram para os bibliotecários inscritos após 1980. Tal década é o marco do crescimento do número de homens nos cursos de Biblioteconomia. Observou-se que esses são atraídos pelo curso por motivos variados, mas sobretudo pelos "motivos racionais", como a oferta de curso noturno, a nota média de corte no vestibular mais baixa e, principalmente, a oferta de empregos e concursos. Ademais, observou-se que há pouca preocupação dos bibliotecários quanto às relações de gênero presentes na sociedade e na profissão de bibliotecário.

Palavras-chave: Estudos de gênero. Biblioteconomia. Divisão sexual do trabalho.

Abstract: *The professions over time were becoming more feminine or masculine by work characteristics and type of activity. The librarian profession is female because of the context of professions determined by the sexual division of labor, mainly by the increasing of its technical nature, linked to education, order, good manners, characteristics thought to be female. However, it is*

[1] Bibliotecário do Instituto Federal do Paraná - Campus Foz do Iguaçu. Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais.

[2] Professora titular da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais

observed in recent times in Brazil the increased demand for men by librarianship courses, especially after the year 1980. The objective of the research was to investigate the reasons that lead men to choose the course of Librarianship, a mostly feminine space. A social, historical and descriptive research was carried out. The research consisted of a survey, with a questionnaire sent through Google Docs tool for Librarianship Regional Councils of the five regions of the country, who passed on to after 1980 subscribers librarians. This decade is the growth landmark number of men in librarianship courses. It was observed that they are attracted to the course for various reasons, but above all by "rational reasons", such as evening classes, low cutoff score to enter in the course and, especially, the supply of jobs and contests. Moreover, it was observed that there is little concern of men librarians about the gender relations present in society and library profession.

Keywords: *Gender studies. Librarianship. Sexual division of labor.*

1 INTRODUÇÃO

As relações históricas de dominação estabelecidas entre os gêneros e as divisões entre os sexos em nossa sociedade se tornaram tão naturais e tão enraizadas que, por vezes, passam a ser imperceptíveis. Em todos os campos, tais divisões — fundadas e alimentadas pela dominação do masculino sobre o feminino — interferem nas relações sociais e de hierarquia, inclusive definindo as relações de trabalho e alimentando profissões e espaços masculinos e femininos.

Entre tais espaços, a profissão bibliotecária foi definida, sobretudo a partir do século XX, como uma profissão feminina. No começo de seu desenvolvimento, associada aos ideais de conhecimento e sabedoria, os postos nas bibliotecas eram ocupados por homens. Com o aumento da tecnicidade da profissão, conjugada à saída das mulheres do espaço privado para o mundo do trabalho (mundo este pautado pelas relações de gênero) e a aproximação da Biblioteconomia com a Educação, a profissão e os cursos formadores de bibliotecários passam a atrair um grande contingente feminino.

Oliveira (2003) destaca que no começo do século XX, o acesso da mulher à esfera pública do trabalho relacionava-se às funções que correspondiam ao seu papel na família e que, com o fenômeno de urbanização observado no Brasil após os anos 70, a participação feminina no mundo do trabalho aumentou consideravelmente. As mulheres passaram, então, a deixar de lado a imagem de “dona de casa” (restrita ao espaço privado da família) e passaram a galgar posições mais elevadas no mercado de trabalho. Muitas dessas mulheres, entretanto, ocuparam profissões que se caracterizavam como prolongamentos das atividades exercidas nos espaços privados.

Assim, um grande número de mulheres se empregou em profissões cujas atividades estavam intimamente relacionadas à noção de cuidar e zelar, como as profissões de enfermeiras, professoras e bibliotecárias (FERREIRA, 2003). Vale considerar que as relações

entre os sexos na sociedade só passaram a ser compreendidas como construções sociais a partir da segunda metade do século XX, com a popularização dos estudos de gênero, que têm como principal objetivo compreender e estudar, além das divisões entre os sexos, a diminuição e/ou exclusão da mulher em vários campos da sociedade.

Quanto à profissão bibliotecária, a constituição desta como uma "profissão feminina" influenciou o status que a atividade tem, bem como os estereótipos associados pela sociedade à profissão. Roggau (2006), ao analisar os estereótipos na construção da profissão bibliotecária, destaca que durante a Antiguidade os bibliotecários gozavam de certo prestígio pois o eram por complementaridade, sendo também cientistas e eruditos que se tornaram bibliotecários, em razão da atuação no campo de determinada disciplina e pela necessidade de desenvolvimento de investigações daquela especialidade.

Em período mais recente, sobretudo após os anos 1980, observa-se uma maior procura dos homens pelos cursos de Biblioteconomia. Tal movimento foi impulsionado por diversos fatores, que vão desde a aproximação da área com outras, como a Administração e Ciência da Computação, até mesmo a um movimento da sociedade no sentido de rompimento de barreiras da divisão sexual do trabalho.

Cabe ressaltar que são poucos os trabalhos na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação que relacionam as questões de gênero à profissão. Desses poucos, duas pesquisas merecem destaque por demarcarem o aumento da entrada masculina nos cursos. O trabalho de Reis; Xavier Júnior; Pires (2011) demonstra que, a partir dos anos 1990 e 2000, e principalmente com a criação do curso noturno em Biblioteconomia na UFMG, o número de homens no curso cresceu exponencialmente. Já o trabalho de Ferreira (2010) na Universidade do Maranhão, mostra que entre 2006 e 2010, o número de homens ingressantes no curso de Biblioteconomia é maior que o total de homens que fizeram o curso nos anos 1980 e 1990.

Desta forma, é de fundamental importância que se pense a atuação e a presença feminina e masculina nos cursos de Biblioteconomia no Brasil, uma vez que essa presença se apresenta como um reflexo de questões sociais e culturais que permeiam as relações entre homens e mulheres na sociedade. Ademais, a constituição e a determinação de profissões masculinas e femininas refletem, muitas vezes, o status de uma profissão na sociedade e compreender tais questões pode colaborar para a valorização e a criação de profissionais críticos e mais reflexivos.

Nesse sentido, esta pesquisa apresenta resultados de dissertação de mestrado[3] que visou investigar, sob a ótica das relações de gênero, as razões da maior entrada masculina nos

---

[3] PIRES, Hugo Avelar Cardoso. **Relações de gênero e a profissão bibliotecária na contemporaneidade:** panorama nacional e os motivos da entrada masculina em um curso majoritariamente feminino. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2016. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação).

cursos de Biblioteconomia nas cinco regiões do país. Para tal, faz-se uma reflexão acerca da constituição da profissão bibliotecária como uma profissão feminina e são apresentados os dados de questionário enviado via Conselhos Regionais de Biblioteoconomia para bibliotecários formados a partir de 1980 e obteve-se 231 respostas.

2 A CONSTITUIÇÃO DA PROFISSÃO BIBLIOTECÁRIA COMO PROFISSÃO FEMININA

A constituição da profissão de bibliotecário demonstra que as primeiras bibliotecas eram administradas por homens e que a profissão bibliotecária se constituiu como feminina com o passar do tempo. Martucci (1996), afirma que o movimento de feminização nas áreas de Magistério e Biblioteconomia se deu a partir do século XIX, quando há maior controle estatal sobre o processo educacional, sobretudo na Europa. Nesse mesmo período, a biblioteca se aproxima da educação como uma extensão da sala de aula, sendo o bibliotecário considerado um professor informal.

Nesse contexto, os atributos necessários para se trabalhar em bibliotecas sofrem modificações. Do perfil erudito dos séculos anteriores, passa a ser requerido que os futuros profissionais bibliotecários fossem mais técnicos e práticos. Para Mueller (1984), a expansão das bibliotecas públicas e universitárias no fim do século XIX e início do século XX levou ao desenvolvimento de novas formas de organização e atendimento.

Apesar do descontentamento inicial da classe bibliotecária quanto à formação menos erudita, o perfil de formação de bibliotecários mais técnicos acabou se difundindo, a princípio nos Estados Unidos e, mais tarde, em outros países, como o Brasil (PIRES, 2016). Ancorados em estereótipos de gênero, era necessário que os novos profissionais tivessem ordem, educação e bons costumes, características associadas ao feminino, o que abriu espaço para que as mulheres ocupassem espaços na profissão.

Desta forma, o trabalho em bibliotecas passou a se inserir no contexto da divisão sexual do trabalho como uma extensão do trabalho doméstico, feminino. Dentre outras variáveis econômico-sociais e ideológicas, Martucci (1996) destaca que o trabalho na biblioteca passou a ser uma atividade que possibilitava a harmonização do trabalho com as atividades domésticas, além de ser uma profissão que anuncia respeitabilidade, atrelada a uma imagem de pessoa culta e dada a orientar e ensinar.

Pertencentes aos jesuítas, as primeiras bibliotecas no país tinham a função de dar subísios às atividades dos clérigos e como estes spaços, em sua maioria, eram ocupados por homens, cabia a estes homens da igreja zelar pela rotina e administração das bibliotecas.

A vinda da família real portuguesa para o Brasil e a independência do país levaram ao aumento do número de bibliotecas públicas e escolares no país. A profissão bibliotecária,

nesse período, estava ligada a homens da aristocracia. Sousa (2014) destaca que a profissão bibliotecária se consolidou no país com uma questão de gênero forte, uma vez que os requisitos para a contratação não permitiam o acesso das mulheres e das pessoas de classes sociais inferiores.

Em 1911, instala-se o primeiro curso de Biblioteconomia do Brasil, ministrado pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, de orientação francesa. Desta forma, o perfil do profissional que se buscava formar ia ao encontro do perfil erudito da profissão. Programado para durar um ano, o curso enfrentou paralisações e retomou suas atividades no começo da década de 30 (SILVEIRA, 2007), período que coincide com o maior controle do Estado sobre a educação. (FREITAG, 2007)

No Brasil, a feminização da Biblioteconomia ocorreu paralelamente à criação dos cursos formadores de bibliotecários. Nesse período de expansão do número de estabelecimentos de ensino, as bibliotecas no Brasil passaram a ser criadas já vinculadas às escolas, com função educativa semelhante à dos Estados Unidos (MARTUCCI, 1996), e a profissão passa a atrair mulheres da classe dominante que "se quisessem trabalhar, tinham duas opções: a escola normal ou então a biblioteconomia" (BOTASSI[4] *apud* MARTUCCI, 1996, p. 240). Acompanhando a expansão universitária que o país vivia (FREITAG, 2007) e a necessidade de mão-de-obra para atuação nas bibliotecas, muitos são os cursos de Biblioteconomia criados pelo Brasil, como os cursos do Colégio Mackenzie em São Paulo, fundado em 1929; em 1945, o Curso de Biblioteconomia da Escola de Biblioteconomia da Bahia (incorporado à Universidade Federal da Bahia em 1958); o Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia da Universidade Católica de Campinas, em 1945.

Entretanto, muitos desses cursos foram criados sob influência norte-americana, com enfoque mais tecnicista e menos erudito, em que "a ênfase curricular de preparação humanística cede lugar a uma de ordem mais técnica, uniformizando os saberes bibliotecários e consolidando o modelo pragmático de instrução norte-americana no país" (SILVEIRA, 2007, p. 136).

A perda do caráter humanista na profissão e a opção pela orientação norte-americana, mais técnica, podem ser apontados como indícios que colaboraram para a caracterização da profissão como feminina., sobretudo pela sua ligação com a Educação. Nesse período, a profissão bibliotecária era considerada como de moças bem-nascidas, que ingressavam em um curso superior somente para "esperar marido". Para Ferreira (2003), a facilidade de ingresso, a oferta de cursos em horários matutinos — em sua maioria de curta duração (três anos) — e a

[4] BOTASSI, Miriam. **Bibliotecária (o):** a profissão no feminino e o mercado. Palavra-Chave, São Paulo, v. 4, p. 3-4, maio 1984.

facilidade de entrada no mercado de trabalho propiciaram a entrada na profissão de moças de boa família.

Com o tempo, esse perfil de estudantes foi se alterando. De moças bem-nascidas, os cursos de Biblioteconomia passaram a atrair estudantes das camadas populares da sociedade. Levantamento de Braga e Peixoto (2006) feito na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) corrobora tal mudança e mostra que o curso de Biblioteconomia se incluía entre uma das opções mais procuradas por estudantes economicamente carentes, além de possuir alto aspecto de feminização, se comparado a outros cursos da mesma universidade.

O maior interesse dos estudantes de camadas populares pelo curso de Biblioteconomia pode ser explicado pela consolidação da profissão como geradora de empregos formais, com destaque para a administração pública (PENA, 200), além da baixa concorrência no vestibular, o que permitiria aos oriundos das classes menos favorecidas pleitear o acesso à universidade.

Pena, Crivellari e Neves (2006) observaram que nos últimos anos, há maior procura de homens pelos cursos de Biblioteconomia. Os autores demonstram que entre 1994 e 2004, o número de bibliotecários do gênero masculino saltou de 13,02% para 23,87%. Em outra pesquisa, Oliveira e Crivellari (2011) utilizam dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e comparando a profissão de bibliotecário com a de contadores a analistas de TI, demonstram que há queda na feminização da profissão de bibliotecário entre os anos de 1985 e 2009, enquanto nas outras duas profissões estudadas há ligeiro aumento nesse processo[5]. Entretanto, as autoras ressaltam que, mesmo com essa queda significativa, a profissão de bibliotecário ainda pode ser considerada como altamente feminizada.

Cabe destacar a força dos estereótipos[6] na construção da imagem dos bibliotecários, estereótipos esses que estão ligados não só à noção de divisão sexual do trabalho, mas também a uma imagem negativa das mulheres que atuam na profissão, identificadas como idosas, de óculos e coque no cabelo que possuem uma postura agressiva e pouco receptiva para com os usuários (WALTER; BAPTISTA, 2007).

Walter (2008) destaca que grande parte dos estereótipos ligados à profissão de bibliotecários advém do fato desta ser uma profissão feminina, uma vez que, historicamente, as mulheres são associadas a profissões que não são competitivas, não exigem esforço intelectual e que demandam práticas e procedimentos relacionados às tarefas de cuidado e ordem.

---

[5] A razão de feminização da profissão bibliotecária caiu de 7,32 (1985) para 2,28 (2009) (OLIVEIRA; CRIVELLARI, 2013).

[6] Os estereótipos são entendidos e compreendidos segundo a definição de Mcgarthy *et al.* apud Walter; Baptista (2007) como um "conjunto de crenças, de conceitos interrelacionados que informam as percepções de membros de um certo grupo; ou ainda como a representação específica de um grupo particular em determinado tempo".

Sousa (2014) mostra, através de pesquisa com 32 profissionais bibliotecários (sendo 25 mulheres e 07 homens) que as bibliotecárias poucos associam a questão do gênero à desvalorização da profissão. De todas as entrevistadas pela pesquisadora, somente duas associaram as questões de gênero ao rebaixamento da profissão e a autora destaca que, apesar dos comportamentos ditos femininos não fazerem parte do perfil atual das bibliotecárias entrevistadas por ela em sua pesquisa, suas atitudes não são capazes de afastar a imagem negativa arraigadas na sociedade, uma vez que alguns estereótipos a respeito da profissão de bibliotecário se mantêm.

No caso dos bibliotecários homens, Sousa (2014) destaca que os estereótipos são ligados às questões de orientação sexual e assinala que face ao valor tradicional que ainda se dá ao homem na sociedade, muitos bibliotecários demonstram receio em ser confundidos com homossexuais. Um dos seus entrevistados corrobora tal afirmação ao dizer que, em todos os locais a que vai, necessita afirmar que não é *gay*.

Destarte, a profissão bibliotecária foi marcada e profundamente influenciada (sobretudo durante a expansão do número de cursos formadores) pelas relações de gênero. O aumento da tecnicidade dos cursos e da profissão, conjugado com a saída da mulher da esfera privada para a espera pública, além da curta duração dos primeiros cursos formadores, fez com que esta se tornasse uma profissão "feminina".

Nesse sentido, os estudos de gênero na Ciência da Informação sobre a profissão de bibliotecário tornam-se importantes uma vez que, conforme Ferreira (2003), ao se repensar a atuação profissional e a valorização da profissão por meio da questão de gênero, o amadurecimento enquanto bibliotecários e cidadãos surgirá, aliado à prática profissional com as necessidades informacionais da sociedade. Buscar uma nova identidade para a Biblioteconomia e para os bibliotecários passa pela busca de um novo equilíbrio entre as origens da profissão, da prática e da sua ação política e social.

3 METODOLOGIA

Tendo como objetivo identificar algumas das razões que levaram os homens a procurar, nas últimas décadas, com maior frequência, os cursos de Biblioteconomia, um espaço majoritariamente feminino, e identificar a percepção de gênero dos profissionais bibliotecários na área, a pesquisa se caracterizou como social quantitativa, de caráter histórico e exploratório. e se deu em duas etapas: a primeira consistiu em levantamento junto aos colegiados dos cursos de Biblioteconomia das cinco regiões do país, do número de bibliotecários, de ambos os sexos, formados desde a fundação dos cursos. Já a segunda etapa tratou-se da realização de um *survey*,

Após a realização de levantamento junto aos colegiados das cinco regiões do país, do número de bibliotecários de ambos os sexos formados desde a fundação dos respectivos cursos, realizou-se um levantamento (*survey*) por meio do envio de um questionário a bibliotecários homens formados a partir de 1980, buscando identificar as razões que os levaram a adentrar em uma profissão majoritariamente feminina. Tal escolha se deu por esse ser o período que marca maior procura dos homens pelos cursos de Biblioteconomia.

Os dados do *survey* foram obtidos mediante envio de questionário elaborado na ferramenta Google Docs para os Conselhos Regionais de Biblioteconomia das cinco regiões do país, que os repassaram para os bibliotecários do sexo masculino registrados após 1980. Freitas *et al.* (2000) caracteriza o método *survey* como "a obtenção de dados ou informações sobre características, ações ou opiniões de determinado grupo de pessoas, indicado como representante de uma população-alvo, por meio de um instrumento de pesquisa, normalmente um questionário" (p. 105)

Para a realização do *survey* desta pesquisa, o questionário foi o meio pré-definido para a coleta de dados. Cabe ressaltar que diante do tamanho da amostra da pesquisa e da possibilidade de maior alcance e retorno de respostas, optou-se pela confecção de um questionário semi-fechado, com questões fechadas e de múltipla escolha. A amostra da pesquisa se caracterizou como uma amostra não-probabilística intencional ou por tipicidade, uma vez que, dado o tamanho da amostra populacional do número de formandos das universidades pesquisadas e o número de bibliotecários filiados aos Conselhos, não era possível determinar precisamente quantos destes formados iriam responder ao questionário enviado. Foram obtidas 231 respostas para o questionário de bibliotecários das cinco regiões do país.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

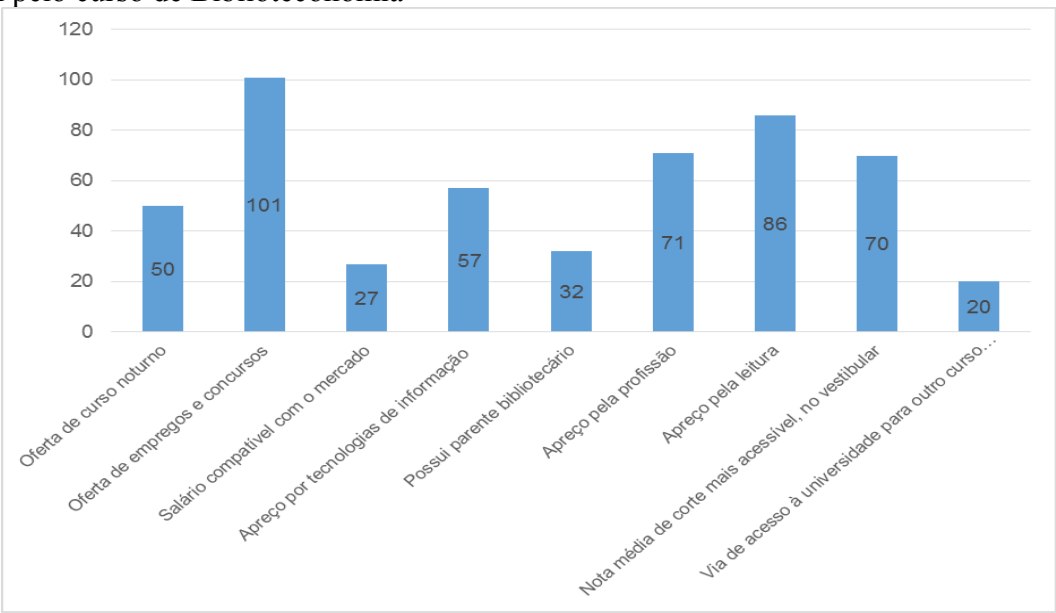
Os dados demonstram que a maioria dos respondentes do *survey* não tinham como primeira opção o curso de Biblioteconomia na época em que prestaram vestibular. Dentre esses, 55,84% responderam que ser bibliotecário não foi a primeira opção de carreira que possuíam, sendo que 51,95% já conheciam o curso antes de optar por cursá-lo. Cabe destacar, no entanto, que dos respondentes que disseram não conhecer o curso, cerca de 37% responderam que ainda assim foi a sua primeira opção, o que denota que muitos desses bibliotecários podem ter escolhido a profissão pela facilidade de ingresso e/ou por falta de opções.

Quanto aos motivos que levaram os bibliotecários a optar pelo curso de Biblioteconomia, é importante destacar que a oferta de empregos e concursos se mostra como principal atrativo para os bibliotecários do gênero masculino, o que pode ser considerado

reflexo da consolidação da profissão em um momento de crise do trabalho, principalmente nos anos 1990, período em que há decréscimo no número de postos de trabalho como a agricultura e a indústria, enquanto o mercado bibliotecário se expande. (CRIVELLARI; PENA, 2007). Entretanto, a opção "salário compatível com o mercado" foi uma das menos votadas, o que demonstra que a estabilidade do emprego e da profissão foram mais atraentes para os profissionais na hora da escolha profissional que a remuneração do mercado de trabalho. O fator estabilidade na profissão bibliotecária foi também identificado por Oliveira; Crivellari (2013), ao comparar a profissão com as de contador e analistas de tecnologia da informação, entre 1999 e 2009. Segundo as autoras, as profissões com maior profissionalização (como é o caso da profissão bibliotecária) possuem tendência de maior estabilidade salarial e de postos de trabalho.

Cabe destacar também "apreço à leitura" e "apreço à profissão" como opções que tiveram grande número de respondentes, superando o quesito "apreço por tecnologias de informação" que, numa hipótese inicial, acreditava-se ser um dos maiores atrativos para o contingente masculino à Biblioteconomia. As opções oferta de curso noturno" e "nota de corte mais acessível no vestibular" também foram bastante assinaladas, o que demonstra que as facilidades de ingresso no curso são importantes na hora da escolha dos homens pela profissão bibliotecária.

Gráfico 1 – Número de respostas ao *survey* quanto aos motivos que levaram os bibliotecários a optarem pelo curso de Biblioteconomia



Fonte: PIRES, 2016.
Nota: Era permitido aos respondentes que assinalassem mais de uma resposta à questão.

Sousa (2014), ao entrevistar bibliotecárias sobre o porquê de terem escolhido a profissão, constatou que boa parte das respondentes não viam a Biblioteconomia como uma área valorizada, como uma carreira a ser seguida. Além disso, segunda a autora, somente 22% das entrevistadas escolheram a profissão de forma consciente.

Os motivos levantados pela autora para a escolha da profissão por parte das bibliotecárias entrevistadas são diferentes dos motivos da escolha de bibliotecários do sexo masculino que responderam ao *survey* desta pesquisa, a julgar pelo grande número de profissionais que assinalaram a opção "oferta de empregos e concursos", que demonstra uma escolha consciente da profissão que optaram. Sousa (2014) também destaca tal fato nas entrevistas que realizou com bibliotecários homens. Segundo a autora, seus entrevistados disseram que "escolheram a profissão porque vislumbraram uma profissão interessante e uma carreira promissora" (p.188). Além disso, somente 8% dos entrevistados pela autora (homens e mulheres) encararam as tecnologias como responsáveis pela busca do curso pelos homens, sendo a mudanças de paradigmas, as mudanças da imagem da profissão e a quebra de preconceitos como os motivos mais citados.

Pode-se apreender que tal contraste entre os motivos da escolha pela profissão bibliotecária entre homens e mulheres é fundamentado nas relações de gênero presentes na sociedade, em que aos homens é permitido, mesmo estando em uma profissão tipicamente feminina, se manifestarem com mais autonomia e mostrarem o poder de decisão masculino (SOUSA, 2014).

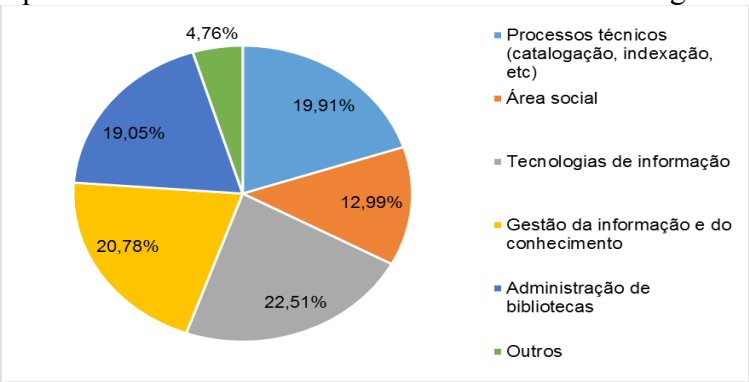
Quanto ao tipo de universidade que os bibliotecários respondentes do questionário cursaram, a grande maioria informou haver cursado Biblioteconomia em universidades públicas (74,03%), nos turnos noturno (46,32%) ou matutino (43,72%). Foram citadas pelos bibliotecários 20 diferentes universidades públicas, nas cinco regiões do país. Lembrando que os cursos de Biblioteconomia são ofertados na grande maioria por universidades públicas.

A maioria dos respondentes se graduou depois dos anos 2000, estando assim, já inseridos nos contextos das mudanças tecnológicas e paradigmáticas da Biblioteconomia. Durante a graduação, mantém-se a tendência de as tecnologias não serem o maior atrativo para o contingente masculino na Biblioteconomia — conforme análise inicial e de alguns autores como Carmichael (1992) e Ferreira (2010) poderia sugerir. Quando perguntados quais áreas lhe atraíam mais durante a graduação, as respostas dos bibliotecários do sexo masculino respondentes ao *survey* não se concentraram somente nas áreas ligadas às tecnologias, conforme demonstra o gráfico 2. Tal constatação vai ao encontro do que Sousa (2014) já havia identificado. A autora destaca que o uso das tecnologias tem sido importante aliado na

execução do trabalho bibliotecário, mas que não pode ser determinada como fator concreto para a maior procura de homens pelos cursos de Biblioteconomia.

Cabe destacar, no entanto, que apesar de o fator tecnologia não ser predominante nas respostas dos bibliotecários, eles tendem a se interessar pelas áreas "mais masculinas" da profissão, sobretudo às ligadas ao gerenciamento da informação e do conhecimento. Tal fato demonstra que as relações de gênero e os papéis que os homens devem desempenhar na sociedade estão tão arraigados, que mesmo em uma profissão feminilizada, eles optam e/ou se interessam por atividades comumente ligadas ao masculino.

Gráfico 2 – Áreas que mais interessavam aos bibliotecários durante a graduação

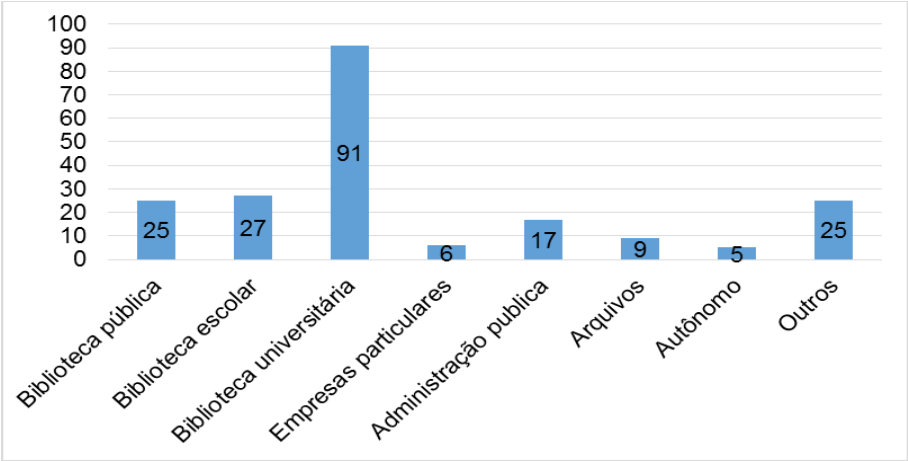


Fonte: PIRES, 2016.

Dos 231 respondentes ao *survey*, a grande maioria (85,71%) está atuando no mercado de trabalho, confirmando a tendência segundo a qual a área da Biblioteconomia é uma grande empregadora. Baptista e Mueller (2005) citam entrevistas realizadas com representantes de entidades de classe, que demonstraram que a classe bibliotecária não enfrentava o problema do desemprego. As autoras citam o caso do Estado do Paraná onde, segundo entrevista da presidente do sindicato dos bibliotecários do Estado, em 2001, a taxa de desemprego de bibliotecários era de apenas 2,6%.

Dos respondentes que estavam atuando na área, cerca de 58% afirmaram que se encontravam na área que mais havia lhe interessado durante o curso. Os locais onde esses bibliotecários trabalham varia muito, conforme demonstra o gráfico 3:

Gráfico 3 – Segmento de trabalho dos bibliotecários



Fonte: PIRES, 2016.

Pode se observar que a biblioteca universitária se apresenta como o maior empregador de homens bibliotecários. Tal fato pode ser explicado pela expansão universitária que o país observou nos últimos anos, o que já havia sido evidenciado por diversos autores. Pena (2007) destaca que esse aumento pode ser explicado por dois fatores: o aumento de instituições de ensino superior "que são instadas, pelo Ministério da Educação, a contratar bibliotecários para gerenciar suas bibliotecas" (p.104) e pela inclusão da biblioteca, por parte da MEC, como item na avaliação das instituições de ensino superior.

Baptista e Mueller (2005) demonstram que houve um aumento do número de bibliotecários que atuavam em bibliotecas de universidades particulares na cidade de Brasília. Segundo as autoras, tal aumento do número de universidades privadas representa uma novidade no mercado de trabalho bibliotecário da capital brasileira, uma vez que na cidade predominavam oportunidades de trabalhos em bibliotecas especializadas nas áreas jurídica, legislativa e de assessoria de governo.

Cunha e Pereira (2002) observaram o mesmo fenômeno em Santa Catarina, em pesquisa que tinha como objetivo conhecer o perfil profissional dos alunos formados no curso de Biblioteconomia da UFSC, entre os anos de 1991 e 2000. Os resultados encontrados demonstram que a maioria (51,3%) dos bibliotecários que responderam ao questionário enviado pelas autoras atuavam em bibliotecas universitárias.

Há de se destacar o número de bibliotecários do sexo masculino atuando no segmento biblioteca escolar, tradicionalmente um espaço feminino e maior que o número de bibliotecários que atuam em bibliotecas públicas. Martucci (1996) ressalta que um grande número de bibliotecas brasileiras nasce atrelada às escolas e que a educação é apontada como o fator que mais tem implicações com as bibliotecas, e este pode ser um dos fatores que tornaram as duas áreas feminilizadas. A autora cita a pesquisa de Gomes[7] (1983) que mostra o

[7] GOMES, Sonia de Conti. **Bibliotecas e sociedade na primeira república**. São Paulo: Pioneira, Brasília: INL, Fundação Pró-Memória, 1983.

fato de, durante a primeira república (1889 a 1930), 58,2% das bibliotecas criadas correspondiam a bibliotecas escolares em escolas estaduais, especialmente em São Paulo e Minas Gerais. Ao aproximar as áreas do Magistério e da Biblioteconomia, a autora afirma que

> as raízes da feminização do magistério e da biblioteconomia encontram-se no século XIX e que sua compreensão deve levar em consideração todas as leituras interpretativas existentes, que analisam o fenômeno com olhares distintos, mas inter-relacionados. (p.241)

Os respondentes do questionário, em geral, não enfrentaram conflitos com colegas de ambos os sexos durante a graduação. Quando perguntados se houve conflito com as colegas mulheres, mais de 80% responderam que não. Esse número é ainda maior (86,15%) quando os bibliotecários foram questionados se houve conflito com os colegas homens.

Tal traço de harmonia é ressaltado por Pena (2015). Segundo o autor, na área da Biblioteconomia, as relações entre os gêneros acontecem de forma tranquila e harmoniosa. Nas palavras de um bibliotecário entrevistado pelo autor, diretor de uma biblioteca universitária

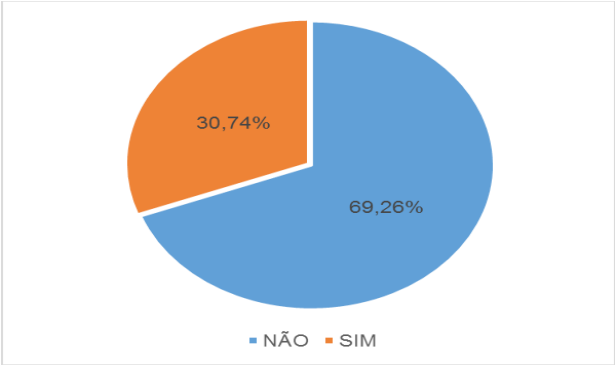
> eu não encontro nenhuma dificuldade em trabalhar com elas. Nós temos um serviço a fazer e o serviço é feito, independentemente do gênero [...] as outras bibliotecárias e as outras auxiliares de biblioteca contribuem tanto quanto contribuem os homens para que a biblioteca funcione (p.114-115)

Cabe ressaltar que esse traço de harmonia pode ser relativizado nesta pesquisa, uma vez que o *survey* não se debruça a respeito de quais formas se deram os conflitos e como se estabeleceram as relações entre homens e mulheres durante a graduação dos bibliotecários respondentes.

Apesar de reconhecerem que estão em uma profissão feminina, os respondentes não demonstram percepção quanto às questões de gênero no mercado de trabalho. Sousa (2014) já havia constatado baixa percepção dos bibliotecários que entrevistou, quanto à influência das questões de gênero na profissão. Segundo a autora, "a questão de gênero continua pouco explorada na Biblioteconomia, pois a literatura da área quase não problematiza o exercício da profissão na perspectiva do gênero" (p. 199).

Na presente pesquisa, quando perguntados se acreditavam que homens possuíam vantagens no mercado de trabalho em uma profissão feminina, apenas por serem homens, a maioria dos bibliotecários respondeu "não", conforme demonstra o gráfico 4:

Gráfico 4 – Porcentagem de respostas dos bibliotecários que responderam ao *survey*, quando questionados se há vantagens em ser homem no mercado de trabalho em geral



Fonte: PIRES, 2016.

Os respondentes do *survey* também afirmaram que não obtêm vantagens no campo da Biblioteconomia por serem homens em uma área tipicamente feminina (71,43% dos respondentes afirmaram que não há vantagens em ser homem em uma profissão feminina), o que contraria alguns estudos que demonstram que homens possuem benefícios no campo da Biblioteconomia e que há desigualdade entre os gêneros na área. Blankenship (1967) demonstrou que ser homem no campo da Biblioteconomia traz vantagens quanto a ocupar postos de trabalho elevados, assim como na sociedade. Em pesquisa realizada junto a 414 bibliotecários norte-americanos, de ambos os sexos, o autor demonstrou que os homens ascendiam na carreira e chegavam a ocupar posições gerenciais mais rapidamente que as mulheres, além de ocuparem os mais altos cargos em bibliotecas de grande porte.

No mesmo sentido, Schiller (1970), em estudo crítico sobre a feminilização da área, demonstrou que a maioria das mulheres estava em desvantagem na Biblioteconomia, tanto em relação aos postos mais altos de trabalho, quanto ao salário recebido. Além disso, segundo a autora, não havia ações por parte das associações profissionais para que houvesse igualdade entre os sexos na área.

Os depoimentos colhidos por Sousa (2014) mostram que as mulheres têm sido direcionadas para as atividades mais tradicionais e rotineiras das bibliotecas, além de exercerem o atendimento ao público, atividades que "têm ligação com comportamentos e características atribuídos à mulher (gentileza, delicadeza, educação, paciência, criatividade, entre outros) " (p. 214). Para os entrevistados pela autora, os homens estão mais propensos a trabalhar com atividades ligadas à informática, ao armazenamento de dados, em setores mais valorizados.

A autora destaca também que apesar de serem maioria na profissão no Brasil, somente em 1971, 161 anos após a sua fundação, a Biblioteca Nacional foi dirigida por uma mulher: Janice de Melo (SOUSA, 2014). Tal fato corrobora a influência e a presença das relações desiguais entre os sexos na área da Biblioteconomia, e indica que há vantagens em ser homem

em uma profissão feminina. Cabe ressaltar que, por ser uma indicação política, muitas vezes o diretor da Biblioteca Nacional não é um bibliotecário.

Assim, ainda que os bibliotecários que responderam ao *survey* acreditem que não obtêm vantagens sendo homens num curso majoritariamente feminino, os estudos demonstram que, em termos de remuneração e de oportunidades de ocupar cargos de gestão, há vantagens sim para os profissionais do gênero masculino na área.

Pena (2015) mostra que, em termos de remuneração, os homens recebem mais que mulheres em faixas de salário mais elevadas. Segundo os dados do autor coletados junto à RAIS, a porcentagem de homens é sempre maior em todas as faixas salariais acima de 5 salários mínimos no setor privado. Enquanto isso, na faixa salarial abaixo de 5 salários, a porcentagem de mulheres é maior (60,40% de mulheres ante 52,57% dos homens). No setor público há maior equilíbrio entre as condições de homens e mulheres em termos de remuneração, o que pode ser explicado pela maior igualdade em termos salariais que há na carreira pública.

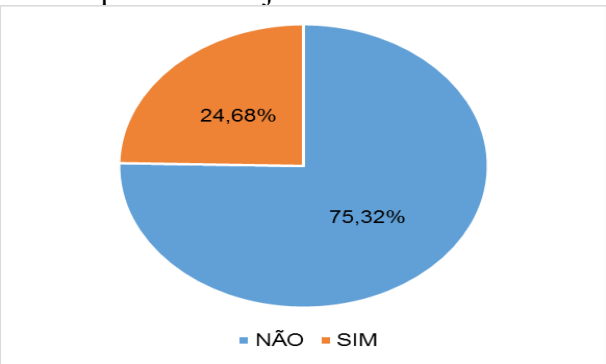
É importante salientar que tais vantagens se inserem no contexto das relações de gênero e da divisão sexual do trabalho presentes na sociedade e na área da Biblioteconomia, em que as mulheres recebem menos, independentemente da conclusão de um curso superior (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010). Martins (2015) cita o relatório da Organização para Cooperação do Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2015[8]) segundo o qual o salário médio da mulher brasileira com educação superior representa apenas 62% do homem com a mesma escolaridade, o que coloca o país em primeiro lugar, entre 46 países, num ranking de desigualdade de gênero na educação e no mercado de trabalho.

Quando o *survey* propõe a questão referente ao preconceito, a maioria dos bibliotecários (ao contrário do que uma análise inicial poderia sugerir) disseram que nunca sofreram preconceito por estarem em uma área feminina (gráfico 5). Sousa (2014) demonstra que, quando se trata das bibliotecárias, os preconceitos sofridos variam de acordo com a região das entrevistadas pela autora (região Sul e Nordeste) e quase todas são relacionadas às questões de gênero e à desvalorização da profissão. Uma das entrevistadas pela autora, quando perguntada se já havia enfrentado algum tipo de discriminação, declara: "(...) a gente vê muito dos colegas alguns casos do tipo brincadeira: Biblio o quê? Ahh vai espanar livros e traças, né? Mas a gente sabe que há preconceito sim. Há assim vários apelidos que gostam de dizer com nossa profissão. (p.205)"

---

[8] OCDE. Education at a glance 2015: OECD Indicators - Brazil. Paris: OECD Publishing, 2015. Disponível em: <http://www.keepeek.com/Digital-Asset-Management/oecd/education/education-at-a-glance-2015/brazil_eag-2015-46-en> Acesso em 26 jul. 2016.

Gráfico 5 – Porcentagem de bibliotecários que já sofreram preconceito no mercado de trabalho quanto a estarem um uma profissão majoritariamente feminina.



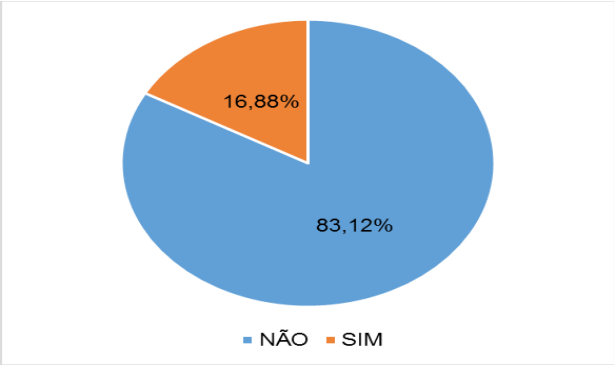
Fonte: PIRES, 2016.

No caso dos bibliotecários homens, a autora identifica que as respostas foram todas no sentido de questionamentos acerca de ser homem e cursar Biblioteconomia, o que denota uma desvalorização da profissão, que pode ser ligada diretamente à questão do gênero. Segundo um dos entrevistados de Sousa (2014)

> Quando estava fazendo o curso preparatório para o vestibular, as pessoas diziam assim: ―Vai fazer Biblioteconomia? Vai trabalhar em biblioteca? Por que não fazer Direito ou Comunicação? Assim, achavam que eu tinha capacidade para passar em outros cursos mais concorridos, mais valorizados, vistos como melhores, entende? (p. 206)

O percentual de bibliotecários que responderam que não sofreram preconceito e/ou discriminação durante a atuação profissional aumenta consideravelmente em relação aos que sofreram preconceito no mercado de trabalho em geral, como se pode observar no gráfico 6. Tal fato demonstra que, uma vez estabelecidos na profissão, os bibliotecários passam a ter que justificar menos essa escolha.

Gráfico 6 – Porcentagem bibliotecários que já sofreram preconceito quanto a estarem em uma profissão majoritariamente feminina.



Fonte: PIRES, 2016.

Um dos entrevistados de Sousa (2014) afirma que "[...] pela ideia de ser uma profissão de mulher, os homens passam por alguma discriminação" (p. 216). Tal discriminação está ligada, geralmente, à orientação sexual dos bibliotecários, que insere mais uma vez a profissão dentro das determinadas pelas relações de gênero. Além disso, denota preconceito ainda presente na sociedade quanto à orientação sexual do indivíduo, uma vez que tal ideia advém de que um homem tem que se "feminilizar" para adentrar numa profissão feminina ou caso opte por cursar uma profissão feminina, se torna menos viril, menos homem ou "menos macho".

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a constituição da profissão bibliotecária sob a ótica das relações de gênero é de fundamental importância para o entendimento do lugar ocupado pela profissão na sociedade e dos estereótipos muitas vezes criados em torno de bibliotecários. Profundamente marcada por questões relacionadas sobretudo à divisão sexual do trabalho, a profissão bibliotecária (que em um primeiro momento possuía homens em seu corpo profissional) se feminiliza a partir do aumento da tecnicidade da profissão e dos cursos formadores e de sua aproximação com a Educação.

A escassez de estudos na área acaba por renegar a segundo plano tais questões, tão importantes para demonstrar como se dá a relação do corpo profissional em relação às ocupações de postos de trabalho e funções desempenhadas por homens e mulheres bibliotecárias. Além disso, acaba por não colaborar para a formação de profissionais críticos acerca dos lugares que ocupam no mundo, na própria profissão e que não lutem para diminuir as desigualdades entre os gêneros, que ainda persistem em nossa sociedade.

Os dados do *survey* demonstram que um dos motivos que o bibliotecário do sexo masculino escolheu o curso de Biblioteconomia foi pela nota de corte baixa nos vestibulares, o que o torna um curso possível para muitos. As opções aumento de tecnologia e a

aproximação do curso com outras áreas, conforme hipóteses genéricas podem sugerir, não foram as mais marcadas, mas sim a consolidação do mercado de trabalho bibliotecário, com grande oferta de concursos e empregos. Outros dois outros motivos marcados quanto à escolha do curso foram "o apreço à leitura" e "o apreço à profissão", que também superaram a opção "apreço pelas tecnologias da informação".

No entanto, cabe destacar que apesar de não se interessarem somente pelas áreas ligadas à tecnologia (gráfico 2), a literatura demonstra que no exercício profissional, as tarefas técnicas, tradicionais e de rotina da biblioteca normalmente são delegadas às mulheres, enquanto os bibliotecários do sexo masculino tendem a exercer tarefas ligadas à administração e às tecnologias.

Além disso, grande parte se graduou no turno matutino ou noturno e atua em bibliotecas universitárias, o que demonstra que a área de educação superior vem se mostrando como importante empregadora de bibliotecários e demonstra a ligação que ainda existe entre as áreas da Biblioteconomia e da Educação. Tal fato pode ser associado, dentre outros fatores, pelo aumento do número de instituições universitárias pelo país e pela avaliação feita pelo MEC das bibliotecas dessas instituições, na ocasião reconhecimento e/ou autorização de novos cursos superiores (PENA, 2007).

Cabe destacar que as constatações deste *survey* refletem posições e motivos de determinado corpo de bibliotecários, traçam um perfil e mostram alguns dos motivos que trazem os homens para um curso majoritariamente feminino, sobretudo a partir de 1980. Dentre os resultados apurados, vale destacar que

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Considerações sobre o mercado de trabalho do bibliotecário. **Información, Cultura y Sociedad**, Buenos Aires , n. 12, p. 35-50, jun. 2005 . Disponível em <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-17402005000100003&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 27 jul. 2016.

BLANKENSHIP, W.C. Head librarians: how many men? How many women? **College & Research Libraries**. Chicago, v. 18, n. 1, p. 41-48, jan. 1967. Disponível em: <http://crl.acrl.org/content/28/1/41.full.pdf+html> Acesso em 16 jul. 2016.

BRAGA, Mauro Mendes; PEIXOTO, Maria do Carmo de Lacerda**. Censo socioeconômico e étnico dos estudantes de graduação da UFMG**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. 79 p.

CARMICHAEL, James V. The male librarian and the feminine image: a *survey* of stereotype, status, and gender perceptions. **Library and Information Science Research**, Englewood, v. 14, s/n., 1992. p. 411- 46.

CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi; PENA, André de Souza. Transformações políticas e mudanças no trabalho do profissional da informação: 1985 a 2005. **Educação Tecnológica**, Belo Horizonte, v.12, n.3, p. 26-29, set./dez., 2007.

FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **Transinformação**, Campinas, v.15, n.2, p. 189-201, maio/ago. 2003. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1486/1460> Acesso em 20 jul. 2016.

FERREIRA, Maria Mary. Profissões femininas e profissões masculinas: o que é ser bibliotecário no universo de uma profissão "feminina"?. In: Encuentro Latinoamericano de Bibliotecarios, Archivistas y Museólogos, 2, 2010, Lima. **Anais..**. EBAM: 2010.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e sociedade.** 7. ed. São Paulo: Centauro, 2007.

FREITAS, Henrique *et al*. O método de pesquisa *survey*. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 3, n. 35, p.105-112, jul./set. 2000.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Mulher no mercado de trabalho: perguntas e respostas. In: **Pesquisa Mensal de Emprego – PME**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: < http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp.pdf> Acesso em 19 jul. 2016.

MARTINS, Luísa. Entre 46 países, Brasil é o que tem maior diferença salarial entre homens e mulheres. **O Estadão**. São Paulo, p.1. 24 nov. 2015. Disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,entre-46-paises--brasil-e-o-que-tem-maior-diferenca-salarial-entre-homens-e-mulheres,10000002751>. Acesso em: 26 jul. 2016.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia. A feminização e a profissionalização do Magistério e da Biblioteconomia: uma aproximação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.1, n.2, p.225-244, jul./dez. 1996. Disponível em: < http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/642/430> Acesso em 17 jul. 2016.

MUELLER, Susana P. M. Bibliotecas e sociedade: evolução da interpretação de função e papeis da biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.13, n.1, p. 7-54, mar. 1984.

OLIVEIRA, Josmária Lima Ribeiro de; CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi. Reconhecimento e estabilidade profissional: estudo comparado entre bibliotecários, contadores e analistas de tecnologia da informação. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 14, Florianópolis, 2013. **Anais eletrônicos..**. Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: <http://enancib2013.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/viewFile/254/378>. Acesso em 19 jul. 2016.

OLIVEIRA, Zuleica Lopes Cavalcanti. Trabalho e gênero: a construção da diferença. **Mulher e Trabalho**, Porto Alegre, v. 3, p. 111-117, 2003. Disponível em: <http://revistas.fee.tche.br/index.php/mulheretrabalho/article/view/2696/3018> Acesso em 22 jul. 2016.

PENA, André de Souza. **A evolução do mercado de trabalho formal do profissional da informação no Brasil:** um estudo a partir da RAIS/MTE, 1985 a 2005. 2007. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2007. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação)

PENA, André de Souza. **Reflexões críticas sobre aspectos produtivos e do trabalho na biblioteca universitária em tempos de crise:** comparação entre Brasil, Espanha e Moçambique. 2015. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2015. (Tese de Doutorado em Ciência da Informação)

PENA, André de Souza; CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi; NEVES, Jorge Alexandre. O mercado de trabalho do profissional da informação: um estudo com base na RAIS comparando os anos de 1994 e 2004. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 7, Marília. **Anais eletrônicos...** Marília: UNESP, 2006. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/sistemas/enancib/viewpaper.php?id=270> Acesso em 27 jul. 2016

PIRES, Hugo Avelar Cardoso. **Relações de gênero e a profissão bibliotecária na contemporaneidade:** panorama nacional e os motivos da entrada masculina em um curso majoritariamente feminino. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2016. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação)

REIS, Alcenir Soares dos; XAVIER JUNIOR, Gesner Francisco; PIRES, Hugo Avelar Cardoso. Análise histórica da graduação em Biblioteconomia da ECI/UFMG: a interrelação entre o contexto social e as dimensões de subjetividade. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 1, 2011. Disponível em: < http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/viewFile/61/101> Acesso em 22 jul. 2016.

ROGGAU, Zunilda. Los bibliotecarios, el estereotipo y la comunidad. **Informacíon, Cultura y Sociedad**, Buenos Aires, n. 15, dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S185117402006000200002&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 14 jul. 2016.

SCHILLER, Anita R. The disadvantaged majority: women employed in libraries. **American Libraries**, Chicago, v. 1, n.4, p. 345-349, Apr. 1970

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. **Biblioteca como lugar de práticas culturais:** uma discussão a partir dos currículos de Biblioteconomia no Brasil. 2007. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2007. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação).

SOUSA, Beatriz Alves de. **O gênero na Biblioteconomia:** percepção de bibliotecárias/os, 2014. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. (Tese de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas)

WALTER, Maria Tereza Machado Teles. **Bibliotecários no Brasil**: representações da profissão. 2008. Brasília: Universidade de Brasília, 2008. (Tese de Doutorado em Ciência da Informação) Disponível em: <http://bdtd.bce.UnB.br/tedesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4037> Acesso em 25 jun. 2016.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. **Informação & Sociedade:** estudos**,** João Pessoa, v.17, n.3, p. 27-38, dez. 2007. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/962/1583> Acesso em 19 jul. 2016.